



RIO DE IMAGENS

UMA PAISAGEM EM CONSTRUÇÃO



CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



SEMPRE PRESENTE



RIO

DE IMAGENS



UMA PAISAGEM EM CONSTRUÇÃO

PATROCINADORES



APOIO



SOMANDO FORÇAS

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura



MUSEU DE ARTE DO RIO

2013



O MAR do Rio Em 1º de março de 2013, o Rio de Janeiro comemora seu 448º aniversário, uma data que será marcada ainda pela inauguração de um novo marco da cultura carioca: o Museu de Arte do Rio (MAR). A instituição – o primeiro museu municipal de arte do Rio – representa o renascimento da Região Portuária, berço da Mui Leal e Heroica Cidade de São Sebastião, que por tanto tempo esteve abandonada pelo poder público. Agora, com o projeto Porto Maravilha, essa área de 5 milhões de metros quadrados passa por uma profunda transformação, devolvendo ao Porto sua importância histórica e cultural.

Nossa cidade é um reconhecido centro internacional de produção de arte e de conhecimentos acadêmico e científico. As transformações urbanísticas que acontecem por aqui e, sobretudo, o modo de pensá-las e planejá-las têm despertado o interesse de renomados pesquisadores e universidades estrangeiras. O Museu do Amanhã, que está sendo construído na mesma Região Portuária, será dedicado às indagações da ciência. Com esses dois novos museus, o simbólico e o sensível da arte se unem à razão e à objetividade em uma ode à Cidade Maravilhosa e à sua intensa produção intelectual.

E tudo isso na nossa Região Portuária, território que ainda reúne vestígios da escravidão e da colonização afro-brasileira. Apenas no entorno do MAR, temos o cais e os jardins do Valongo, o Cemitério dos Pretos Novos e grande conjunto de material arqueológico. Na mesma região, está o Morro da Conceição, uma comunidade guardiã de tradições da cidade e de um patrimônio arquitetônico singular. A Pedra do Sal, berço do samba, e o morro onde nasceu Machado de Assis também estão localizados

ali. Consagrado pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade na categoria paisagem cultural, o Rio ganha com o MAR mais um monumento para tornar a cidade ainda mais maravilhosa. Com o MAR, a Feira Internacional de Arte Contemporânea do Rio (ArtRio), diversos centros culturais e ateliês de artistas, e em breve o Museu do Amanhã, a Região Portuária se firma como o grande polo cultural da cidade.

Em nome do Rio, agradeço à Fundação Roberto Marinho pela parceria, que tornou possível a realização desse sonho; ao Governo do Estado, que nos cedeu o edifício da Escola do Olhar; e aos arquitetos cariocas Thiago Bernardes e Paulo Jacobsen, que brindaram a cidade com o ousado projeto. O Rio tem muito a agradecer também a todos aqueles que contribuíram e seguem contribuindo – artistas, colecionadores, herdeiros de artistas e de coleções, fundações, galeristas e empresas do Rio, do Brasil e do mundo – com doações para o acervo do MAR, instrumento importantíssimo para formar gerações de apreciadores das diversas formas de arte.

O MAR, com sua Escola do Olhar, será um museu a serviço da educação, cujo maior desafio é desenvolver práticas inclusivas em toda a cidade. Um extenso programa de visitação de alunos e professores da rede municipal de ensino já está sendo pensado, para que possamos usar a arte – e a reflexão sobre a arte – na difícil e indispensável tarefa de formar cidadãos. O MAR é dos artistas, dos estudantes, dos professores, dos cariocas. O MAR é de todos.

Eduardo Paes

PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Construir um museu

é dar sentido ao mundo. Não é em nada diferente, portanto, em sua aventura, do que a não menos intensa e nobre aventura da educação. Educar é dar sentido ao mundo.

O sentido de estar ao lado do poder público e da iniciativa privada na construção do Museu de Arte do Rio é, para a Fundação Roberto Marinho, cristalino como a água do MAR. Dar novo sentido ao mundo, um sentido que busca a inclusão de todos os brasileiros no fascinante universo da educação e da cultura, sempre foi nosso objetivo em cada aluno formado, em cada peça dos museus que ajudamos a construir. Fazer parte de um museu que na verdade é uma escola, ou melhor, de uma “escola com um museu ao lado”, como diz com refinado humor o seu curador Paulo Herkenhoff, é o sentido que nos define.

Escola e museu; educação e patrimônio: as duas pontas que unem o Museu de Arte do Rio são também dois dos principais pilares que sustentam a atuação da Fundação Roberto Marinho nos seus mais de 30 anos de existência.

Nessa caminhada, que agora desemboca no MAR, nossa instituição ajudou a formar mais de 6 milhões de brasileiros, por meio do Telecurso, que se tornou política pública recomendada pelo Ministério da Educação e adotada por diversos estados, municípios e redes educacionais do país. Também concebeu dois museus que estão entre os cinco mais visitados do país: o Museu da Língua Portuguesa, o primeiro do mundo dedicado a uma língua, o maior patrimônio imaterial de um povo; e o Museu do Futebol, que conta a história do país pelo viés sociológico do futebol. Isso para não falar das tantas exposições, dos tantos prédios históricos que ajudamos a recuperar, dos tantos programas educativos que ajudamos a criar e a implementar, sempre buscando essa simbiose entre educação e cultura.

Outro sentido evidente de nossa participação no MAR está na profunda ligação que temos com a cidade em que nascemos. Com os pés ancorados no Rio, a Fundação celebra agora a alegria de participar da criação deste MAR, que surge com o compromisso ético de servir à educação e inscrever a arte no ensino público do



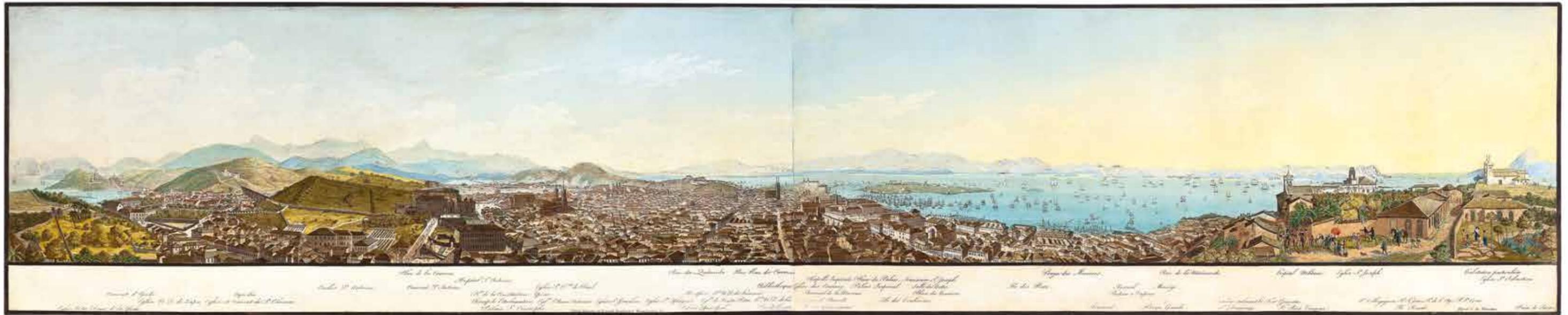
município. Também estamos realizando, em parceria com a Prefeitura, o Museu do Amanhã, vizinho do MAR, dedicado à ciência e à reflexão sobre o futuro e, com o governo do Estado, o Museu da Imagem e do Som, em Copacabana, que vai tratar da identidade carioca, profundamente ligada à criação artística.

O MAR também tem a missão de unir as pontas de uma cidade que renasce, a partir de seu eixo central, na Região Portuária, um elo entre a Zona Sul e a Zona Norte. Ali, onde Pixinguinha e Donga tocaram as primeiras notas do choro e do samba, o MAR vai se dedicar a pensar a formação e a história do Rio de Janeiro, além de estabelecer relações estreitas com o contexto social, cultural e ambiental que o cerca.

O museu almeja ainda constituir um acervo simbólico que represente a cidade e instigue os visitantes, principalmente os educadores e os estudantes, a compreenderem, criticarem e reinventarem o Rio de Janeiro que os cerca. Fazendo isso, estarão se transformando também.

Inspirados em Paulo Freire, acreditamos que a educação e a arte, sozinhas, podem não mudar o mundo, mas, se elas nos ajudarem a mudar a nossa maneira de ver o mundo, poderão nos ajudar a mudá-lo.

Fundação Roberto Marinho



Rio de imagens: uma paisagem em construção mostra como a imagem do Rio de Janeiro foi representada ao longo dos últimos séculos, reunindo cerca de quatrocentas obras — entre desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, instalações, esculturas, artefatos de *design* e cultura material. A exposição busca constituir um panorama variado dos modos de ver a cidade, privilegiando o olhar artístico como elemento constituinte do imaginário sobre lugar e identidade. Seu foco é o processo histórico de construção de uma cultura visual própria, a qual acaba sendo naturalizada no dia a dia por meio do conceito de paisagem.

Ao mostrar a cidade sob vários prismas e ao longo do tempo, a exposição revela as mudanças ocorridas na percepção do lugar e nos sentidos atribuídos à sua aparência. Do olhar estratégico dos primeiros colonizadores, para os quais a natureza era um bem a ser explorado, passando pelo olhar poético dos que buscaram na natureza um mote para constituir uma identidade nacional e chegando ao olhar perscrutador dos que nasceram ou viveram por aqui em tempos mais recentes, para quem a natureza é objeto de conforto e mesmo nostalgia, a mostra desconstrói a paisagem familiar e redefine o lugar comum como lugar de imaginação.

As vistas panorâmicas e os recantos pitorescos da cidade encontraram expressão característica nas pinturas de paisagem do século XIX, assim como na reprodução destas por meio de gravuras e estampas. Por sua inigualável situação geográfica e natureza exuberante, o Rio de Janeiro exerceu um fascínio especial para pintores e fotógrafos dos mais variados gêneros. Porto de entrada para as missões diplomáticas e científicas que buscavam explorar o território brasileiro, a cidade também atraiu numerosos artistas que, impregnados pelo espírito romântico da época, atravessavam o Atlântico em busca de novas paisagens e culturas exóticas. Foi produzido, durante todo o século XIX, um número incalculável de imagens da cidade e seus arredores, hoje indispensáveis para a compreensão desse período fundador de nossa história.

Havia muitos séculos, contudo, que as particularidades da Baía de Guanabara já despertavam a atenção de estrangeiros. As peças mais antigas da exposição são plantas da cidade e mapas de seus arredores. Por representar graficamente o conhecimento sobre espaço e território, a cartografia constitui-se na primeira forma pela qual os europeus, ao realizar um reconhecimento desse novo mundo, registraram a natureza

Friedrich Salathé (1793-1858)
Panorama do Rio de Janeiro (A partir do desenho de Félix Émile Taunay), 1821
Água-tinta e guache sobre papel,
17 × 98 cm
Coleção Museu de Arte do Rio — MAR
Fundo Z

brasileira. Além de mostrarem a implantação da cidade e sua evolução, o crescimento de bairros e arrabaldes e as muitas transformações ocorridas ao longo dos séculos, essas plantas são também vestígios de uma visão de mundo em que a representação do lugar era uma forma de domínio.

Os panoramas, ilustrativos do deslumbramento com as aparências, revelam sutilmente outro tipo de domínio: o de tudo saber. A partir do final do século XVIII, deu-se na Europa a febre das vistas panorâmicas – pinturas de formato inusitado que formavam a visão de uma paisagem em sua totalidade. Nas décadas seguintes, o modismo correu mundo. Por sua localização singular, entre mar e montanhas, o Rio de Janeiro propiciava ao olhar paisagens de tirar o fôlego, do alto, bem ao gosto da “panoromania” vigente. Vários pontos da cidade – como a Ilha das Cobras, Santa Teresa ou o Morro do Castelo, que não existe mais – mostraram-se perfeitos para descortinar o traçado da cidade e sua zona litorânea tão característica, assim como os recortes da Serra dos Órgãos à distância.

De tão cobiçada, a imagem da cidade acabou passando à condição de mercadoria. Uma viagem ao Rio de Janeiro despertava, já no século XIX, o desejo de se apropriar da imagem da cidade, cujas belezas naturais ficariam gravadas para sempre na memória do visitante. O comércio de estampas e fotografias, que serviam de suporte visual às lembranças, encontrou rápida tradução para o universo material cotidiano e estimulou uma produção extraordinária de suvenires. Aplicada a toda espécie de artefatos – desde cartões-postais a objetos utilitários, de adorno ou de decoração –, a imagem do Rio multiplicou-se e difundiu-se pelos quatro cantos do mundo.

Seria impossível entender a evolução da paisagem carioca sem levar em consideração as muitas tentativas de moldar a geografia e a topografia do lugar para se conformarem a uma aparência desejada. Por esse motivo, a exposição dedica especial atenção à grande reforma urbana da primeira década do século XX, que transformou

para sempre a percepção da cidade, e cujo símbolo maior era a Avenida Central, eixo rasgado no miolo da velha cidade, estendendo-se do terminal de desembarque de navios na Praça Mauá, área aterrada havia pouco, até a novíssima Avenida Beira-Mar, portal para a Zona Sul. Novas avenidas foram abertas, ruas alargadas e o porto foi completamente reaparelhado, como parte de uma estratégia de modernização da então capital do país.

Essa modernização da cidade corresponde ao período de grandes transformações sofridas pelo meio artístico em todo o mundo, na passagem do século XIX para o século XX. Novas tecnologias – cinema, automóvel, avião, telefone e gramofone, entre outras – alteravam a paisagem a olhos vistos, reforçando as ideias de modernidade que brotavam do burburinho das novas metrópoles. Por volta de 1919, o Rio de Janeiro atingiu o marco de 1 milhão de habitantes, sendo a primeira cidade brasileira a entrar para esse rol seleta. Como não podia deixar de ser, o olhar dos artistas para a cidade mudou também. As paisagens panorâmicas deram lugar a golpes de vista mais fragmentados, e episódios cotidianos passaram a conviver lado a lado com a velha busca por cenários pitorescos.

O século XXI chegou trazendo grandes desafios para a cidade e para a arte. Não mais simples objeto, construído ou desconstruído pela representação, a paisagem hoje somos nós, seus habitantes, em comunhão com o lugar que escolhemos para viver. As obras de arte da contemporaneidade implicam na construção de um Rio de Janeiro renovado pela reconstrução do olhar de seus habitantes. Situados conscientemente na paisagem constituída por todos nós, podemos refletir juntos sobre o caminho para sua transformação.

Carlos Martins & Rafael Cardoso

CURADORES DA EXPOSIÇÃO